

ÍNDICE

Vai Para o Céu	9
1 O Primeiro Ténue Chamamento para o Céu	11
2 Cristo Auxilia as Nossas Mentes e Vontades	31
3 A Graça e a Fé na Vida Cristã	52
4 O Múnus de Cristo como Mestre, Rei e Sacerdote	78
5 A Vida Cristã é Luta	97
6 O Matrimónio Cristão e o Amor	117
7 Oração e Meditação	130
8 O Amor de Deus e a Resignação à Sua Vontade	137
9 O Papel de Maria na Igreja	152
10 Sofrimento e Consolação	158
11 A Nossa Escolha Final	174
Agradecimentos	191
Sobre o Autor	193

VAI PARA O CÉU

Se Horace Greeley não tivesse acreditado que existia todo um território para lá do Mississípi, nunca teria dito: «Vai para oeste, meu jovem». Se o homem moderno não acreditasse que existe o inferno, nunca daria tantas directivas àqueles de quem não gosta para que para lá fossem. Nunca diz ninguém: «Vai para o céu». É por isso que propomos, neste livro, inverter a direcção. Na verdade, nem o inferno nem o céu estão relacionados com as nossas vidas como castigos ou recompensas arbitrários.

O inferno não está relacionado com uma vida má, como geralmente se supõe, da mesma forma que uma palmada está relacionada com um acto de desobediência; pois a palmada não tem de seguir-se necessariamente à desobediência, e raramente acontece nos círculos juvenis. Pelo contrário, o inferno está relacionado com uma vida má assim como a cegueira está relacionada com o arrancar de um olho. O céu não está relacionado com uma vida boa como uma medalha está relacionada com um exame escolar; está, antes, relacionado com uma vida boa assim como o conhecimento está para o estudo. Pelo mero facto de nos aplicarmos intelectualmente, tornamo-nos sábios.

Este livro é um roteiro para o céu e segue um plano muito definido. Muitas das ideias aqui contidas já surgiram nos nossos escritos anteriores, mas encontram-se aqui ordenadas sob a forma de passos em direcção ao Reino da Luz. O livro abre com a estória do homem repleto de certas tensões e complexos que têm origem no conflito entre o que ele deveria fazer e aquilo que realmente faz. Assim que o homem reconhece que não pode escapar a esta guerra civil interior tentando erguer-se pelos seus próprios meios psicológicos, compreende que o auxílio supra-humano é possível. Existe uma Verdade além do alcance da sua mente e um Poder além da sua tépida e fraca vontade. Esta Verdade e este Poder são dons. Descobre-se então que a busca do homem por Deus, por mais ténue que seja, encontra resposta na busca de Deus pelo homem.

Assim que se estabelece este romance divino entre a divindade e a humanidade na pessoa de Cristo, surge a grande questão que confronta todo o homem: irá ele apropriar-se desta Vida Divina, que é gratuita e, por isso, chamada «graça», ou irá rejeitá-la?

A vida é um tremendo drama no qual se pode dizer «Sim» ou «Não» ao próprio destino eterno. Permitir a entrada da luz no olho, da música no ouvido e do

alimento no estômago é aperfeiçoar cada um destes órgãos; do mesmo modo, admitir a Verdade na mente e o Poder na vontade é fazer de nós mais do que uma criatura, a saber, participantes da Natureza Divina.

A partir desse ponto, os marcos no caminho para o Céu estão claramente assinalados nos capítulos seguintes. Alguns dizem que temos o nosso inferno nesta terra. E temos. Podemos começá-lo aqui, mas ele não se conclui aqui. Porém, o céu também tem os seus começos aqui, numa verdadeira paz de espírito em união com a Vida Divina, mas também não conclui aqui. É por isso que oferecemos o encorajamento: «Vai para o Céu».

ca, todas as acções são feitas sob o olhar de Deus, todos os pensamentos giram em torno das Suas verdades. A censura irreflectida, as falsas acusações, os ciúmes e a amargura dos outros são suportados pacientemente, como o Nosso Senhor os suportou, para que o amor possa reinar e para que Deus possa ser glorificado tanto no amargo como no doce. A dependência d'Ele torna-se força; já não se teme empreender boas obras, sabendo que Ele providenciará os meios. Mas, acima de tudo, junto com este profundo sentido de paz, há o dom da perseverança, que nos inspira a nunca baixar a guarda, nem a recuar perante as dificuldades, nem a deixarmo-nos deprimir à medida que a alma avança em direcção à sua vocação celestial em Cristo Jesus, Nosso Senhor.



Independentemente das tuas origens religiosas, sem dúvida já observaste a tremenda disparidade de pontos de vista entre aqueles que possuem a fé divina através da graça de Deus e aqueles que não a têm. Já reparaste alguma vez, ao discutir assuntos importantes como a dor, o sofrimento, o pecado, a felicidade, o matrimónio, os filhos, a educação, o propósito da vida e o significado da morte, que o ponto de vista Católico está hoje a pólos de distância daquilo a que se chama a visão moderna?

Tu, que tens a fé, provavelmente já sentiste muitas vezes uma sensação de incapacidade ao lidar com aqueles que não têm fé, como se não houvesse um denominador comum. Tu e essa pessoa sem fé parecem viver em mundos diferentes. Sentes-te impotente para penetrar na mentalidade natural do pagão moderno com quem te cruzas na rua. É como falar de cores a um cego. Não estás a falar a mesma língua. Tal como aconteceu com os trabalhadores da Torre de Babel, não há uma compreensão mútua.

Não há muitos anos, aqueles que rejeitavam muitas verdades Cristãs eram considerados fora da norma — por exemplo, os divorciados que se recasavam, os ateus, os inimigos da família ou aqueles que defendiam que a lei era um ditame da vontade e não da razão. Hoje, somos nós que somos considerados fora da norma. São eles que estão dentro dela. O Cristão está hoje à defensiva, quanto mais não seja porque ele é a excepção.

A clareza de visão e a certeza daqueles que têm o dom da fé são, por vezes, mal compreendidas até por quem tem fé. Daí que um Católico seja, por vezes, impaciente com quem não tem a fé, pensando erroneamente que a razão pela qual vê a verdade tão claramente se deve à sua própria esperteza inata, e que a

A NOSSA ESCOLHA FINAL

Chega um momento na vida de cada homem em que, na hora suprema e trágica da morte, os seus amigos e familiares perguntam: «Quanto é que ele deixou?» É precisamente nesse milionésimo de segundo que Deus pergunta: «Quanto é que ele trouxe consigo?» Apenas esta última pergunta importa, pois são apenas as nossas obras que nos acompanham. A estória da vida é breve: «Está determinado que os homens morram uma só vez, e depois disso vem o juízo», pois «o Filho do Homem há-de vir na glória de Seu Pai, com os Seus anjos, e então retribuirá a cada um segundo as suas obras». No esquecimento geral da religião Cristã, que passou sobre a nossa civilização como um miasma imundo, esta grande verdade de que um juízo se segue à morte tem sido ignorada na visão moral do universo. As nossas almas podem lucrar muito com a meditação sobre ela e sobre as suas duas características importantes; a saber, a sua necessidade e a sua natureza.

Toda a natureza testemunha a necessidade do juízo. Em toda a parte abaixo do homem, a natureza revela-se a passar sentença sobre aqueles que se recusam a obedecer às suas leis. Basta olharmos à nossa volta, nos hospitais, nas prisões e nos asilos, para vermos que a natureza, como um juiz sentado em tribunal, está a ajustar contas com aqueles que violam as suas leis. Se o corpo abusou de si próprio pelo excesso, a natureza vinga-se e passa o juízo da doença e da enfermidade. Se um fragmento de uma estrela se separa do seu núcleo central e se desvia da sua órbita, a natureza passa o juízo de que ele se extinguirá no espaço.

A natureza ajusta as suas contas com as coisas naturais aqui e agora. Mas o lado moral do universo não fez o seu acerto de contas definitivo com cada homem deste lado da sepultura: há demasiada inocência angustiada; demasiado erro impune; demasiado sofrimento dos bons; demasiada prosperidade dos maus; demasiada dor para aqueles que obedecem às leis de Deus; demasiado prazer para aqueles que lhes desobedecem; demasiada boa reputação para aqueles que pecam sem ser vistos; demasiado desprezo para aqueles que rezam sem ser vistos; demasiados santos anónimos; demasiados pecadores glorificados; demasiados Pilatos que agem como juízes justos; demasiados Cristos que

descem para a crucifixão; demasiadas almas orgulhosas e vaidosas que dizem: «Pequei e nada aconteceu».

Mas o dia do ajuste de contas tem de chegar e, tal como uma vez por ano cada homem de negócios deve acertar as suas contas, assim também deve chegar essa hora importante em que cada alma deve acertar as suas contas diante de Deus. Porque a vida é como uma caixa registadora, no sentido em que cada conta, cada pensamento, cada acção, tal como cada venda, fica registada e gravada. E quando o negócio da vida está finalmente concluído, Deus puxa do registo das nossas almas a fita da nossa memória na qual estão gravados os nossos méritos e deméritos, as nossas virtudes e os nossos vícios — a base do juízo no qual será decidida a vida eterna ou a morte eterna. Podemos falsificar as nossas contas até a esse Dia do Juízo, pois Deus permite que o trigo e o joio cresçam até à ceifa, mas depois, «no tempo da ceifa, direi aos ceifeiros: colhei primeiro o joio e atai-o em molhos para o queimar, mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro».

Mas qual é a natureza do juízo? Para responder a esta pergunta, estamos mais interessados no juízo particular no momento da morte do que no juízo geral, quando todas as nações da terra estiverem diante do seu Deus. O juízo é um reconhecimento tanto por parte de Deus como por parte da alma.

Antes de mais, é um reconhecimento por parte de Deus. Imaginai duas almas a aparecer diante da presença de Deus, uma em estado de graça, a outra em estado de pecado. A graça é uma participação na natureza e na vida de Deus. Tal como um homem participa na natureza e na vida dos seus pais por ter nascido deles, assim também um homem que nasce do Espírito de Deus pelo Baptismo participa na natureza de Deus — a vida de Deus, por assim dizer, corre nas suas veias, imprimindo uma semelhança invisível mas genuína. Quando, portanto, Deus olha para uma alma em estado de graça, vê nela uma semelhança da Sua própria natureza. Tal como um pai reconhece o seu próprio filho devido à semelhança de natureza, assim também Cristo reconhece a alma em estado de graça em virtude da semelhança com Ele, e diz à alma: «Vinde, benditos de Meu Pai: Eu sou o Filho natural, vós sois o filho adoptivo. Vinde para o Reino que vos está preparado desde a eternidade».

Deus olha para a outra alma que está em estado de pecado e não tem essa semelhança e, tal como um pai sabe que o filho do seu vizinho não é o seu próprio, assim também Deus, olhando para a alma pecadora e não vendo nela a semelhança da Sua própria carne e sangue, não a reconhece como sendo da Sua